

Silva, Marina

P. 19

# De volta à segunda casa

» MARINA SILVA

Senadora, foi candidata à Presidência da República

**D**e volta a Brasília, fui ver o filme *Tropa de elite 2*. No saguão lotado do cinema, na maioria jovens, ao entrar na fila fui recepcionada com aplausos, assobios, gritos alegres de "Marina, eu votei em você". Outros diziam que me deram seu primeiro voto. Fiquei muito emocionada na entrada e na saída, quando novamente me vi envolvida por muitas pessoas que queriam me abraçar e, de alguma forma, mostrar nossa afinidade, que estamos do mesmo lado, que temos ainda muito a fazer juntos.

Estou de novo na cidade onde moro há quase 16 anos, onde minhas crianças se transformaram em adultos, onde fiz a síntese entre o Acre, a Amazônia, o Brasil e o mundo, madurecendo minha trajetória política. Aqui minha candidatura foi entendida, acolhida e honrada com o primeiro lugar do primeiro turno da eleição presidencial. Estou agradecida e sensibilizada com essa identificação, pois ela fala mais do que uma simples contabilidade eleitoral.

Mostra a sociedade do Distrito Federal maior do que as instituições de governo aqui instaladas, com seus acertos e desacertos. Brasília é uma espécie de mosaico do país, não só pelo sistema político, mas pela cidadania e diversidade cultural. Se aqui estão os grandes interesses econômicos e políticos, estão também as ONGs, os movimentos populares e outros grupos de pressão que internalizam nos processos institucionais as demandas, ideias e propostas vindas de todo o país, impressas nos avanços democráticos e sociais das últimas décadas. E estão os "brasilienses" de todas as origens que, de dentro do Estado, sentem com antecipação e agudeza aquilo que muitas vezes o país só vai alcançar depois. É uma grande alegria ter sido reconhecida nesse microcosmo como ponte para nova coalizão social em torno de mudanças profundas na política e na maneira de pensar o desenvolvimento.

Não posso deixar de reconhecer, juntamente com os demais segmentos da sociedade brasiliense que se envolve-



ram em minha campanha, o relevante empenho da comunidade evangélica do Distrito Federal. Sou muito grata pelos votos daqueles que compartilham comigo os valores da fé cristã evangélica e vão além da identidade espiritual. Conhecendo mais de perto meu trabalho, tanto no Senado quanto no Ministério do Meio Ambiente, sabem que votaram numa proposta fundada na diversidade, com valores capazes de respeitar os diferentes credos, quem crê e quem não crê, para além das razões específicas. E perceberam que procurei respeitar a fé que professo, sem fazer dela uma arma eleitoral.

A história ensina que é possível fazer política universal com base em valores religiosos, um mundo melhor. Os cristãos Martin Luther King e Nelson Mandela e o hindu Mahatma Gandhi fizeram isso e são exemplos e inspiração para o mundo. Não há por que discriminá-los ou estigmatizá-los, convicções religiosas ou a ausência delas, quando, mesmo nas diferenças, somos capazes

de fazer o necessário investimento para nos encontrar na vontade comum de enfrentar a perversão da política – que se dá, entre muitas formas, por meio da apropriação material e imaterial do que é público, da gana pelo poder em si mesmo, da má utilização de recursos e de instrumentos do Estado, da resistência ao novo e do apego a privilégios.

O DF, este chapéu do horizonte do Brasil, sinalizou o que aconteceu em todo o país, o espraiamento de um desejo de diferença e autenticidade. E essa semente de coalizão com base na sociedade está presente no segundo turno como exigência de qualidade do debate político. Mesmo assim, explode nessa reta final da eleição presidencial o confronto destrutivo de blocos que se pretendem hegemônicos, mais empenhados em demarcar seu território do que em apresentar seus projetos e expô-los a críticas e contribuições da sociedade e de outras correntes políticas. O debate da Band, do último domingo, foi um exemplo de vale-tudo

eleitoral. A despeito do repúdio claro à opção plebiscitária no primeiro turno, os dois candidatos não conseguem expandir seus horizontes nem aprofundar o conhecimento de suas propostas. Talvez porque elas não existam de fato, a não ser como promessas descosturadas.

Vejo com gratidão, humildade e alegria o surgimento de uma terceira via. Como disse Edgar Morin, no começo a mudança é apenas um desvio. É preciso compreender o caminho e investir na sua construção. Essa agora é a minha tarefa, a do PV e de todos que se sentiram parte de algo novo ao votar. Nossa rumo está dado, mas não está consolidado. Temos que ter consciência de que o resultado obtido é maior do que nós. Ele se originou de uma sabedoria difusa presente na sociedade, da exigência de liberdade de escolha, manifestada no apoio à existência de uma terceira força. Não será simples nem fácil prosseguir, mas o que nos dá energia é saber que desejamos e precisamos seguir em frente.